



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Ecomunitarismo

Magda Marin Lucas¹

Resumo: O ecomunitarismo contrapondo-se ao caráter cruel e exploratório do capitalismo visa o desenvolvimento multifacetado dos sujeitos de uma sociedade, primando pela reconciliação entre todos os seres humanos, bem como a reconciliação destes com a natureza não-humana. Este tem na ética argumentativa o processo dialógico que perpassa todo aquele de constituição da sociedade ecomunitarista, uma vez que se trata dos consensos morais e éticos que vão se formando pela linguagem, na medida em que os sujeitos envolvidos se perguntam *Que devo fazer?*. Uma ordem sócio-ambiental pós-capitalista que se propõe a pensar e instituir outra maneira de se viver e morrer em sociedade. Este artigo visa abordar algumas das premissas que regem o ecomunitarismo, estabelecendo algumas comparações com as diretrizes que regem o capitalismo, a partir de pequenos recortes da obra *Ucronia*, de Sirio Velasco.

Palavras-chave: ecomunitarismo, capitalismo, sociedade

Ecomunitarismo

Abstract: The ecomunitarismo opposing the cruel and exploratory nature of capitalism seeks the multifaceted development of the individuals of a society, striving for reconciliation among all human beings, as well as the reconciliation of these with non-human nature. This is the ethical argumentative dialogical process that permeates all that the constitution of ecomunitarista society, since it is the moral and ethical consensus that are formed by language, to the extent that the individuals involved are wondering what should I do?. A post-capitalist socio-environmental order that proposes to institute and think another way to live and die on society. This article aims to address some of the assumptions governing ecomunitarismo, establishing some comparisons with the guidelines governing capitalism, from small clippings of work *Uchronia*, Sirio Velasco.

Keywords: Ecomunitarismo, capitalism, society

¹ Email: magda.rig@gmail.com

Introdução

A organização social, econômica e política na qual se está imerso, é responsável pela crise sócio-ecológico-ambiental que se vivencia já há algum tempo. Diante desta crise, que não é evidente para todos, embora todos sintam seus efeitos, nota-se insatisfação em alguns sujeitos, a partir da qual buscam novas maneiras de viver, já outros se entregam à apatia e à ideia de que esta condição não poderá ser mudada.

Guatarri, psicanalista e filósofo, observando a massificação da subjetividade humana, individual e coletiva, resultado de um sistema opressor, afirma que “não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (1990, p. 9)

Nesta direção, e propondo abrir espaço para pensar um pós-capitalismo, Velasco, também filósofo, anuncia o ecomunitarismo: “Chamo de ecomunitarismo a ordem sócio-ambiental pós-capitalista na qual os seres humanos reconciliam-se entre si para permitir e incentivar o desenvolvimento multifacetado de cada sujeito, e se reconciliam com o restante da natureza, mantendo face a ela uma atitude permanente de regeneração” (VELASCO, 2008, p. 17).

O ecomunitarismo embasa a vivência, as relações e as ações em sociedade em três normas fundamentais da ética, a ética argumentativa da libertação, onde a primeira norma fundamental é a garantia da liberdade de decisão, dada pela oportunidade de fazer a si a pergunta “Que devo fazer?”, cuja resposta determinará sua atitude; a segunda norma fundamental da ética é buscar, consensualmente, uma resposta para cada instância da pergunta “Que devo fazer?”, que traça os limites da liberdade individual de decisão, definida pela primeira norma; a terceira norma fundamental da ética preconiza a preservação de uma natureza saudável do ponto de vista produtivo, onde o autor da proposta já adverte que talvez não seja esta a última palavra da ética em matéria ecológica e de educação ambiental, dado o caráter utilitarista da visão da natureza, aqui tomado. É importante também salientar que, para agir dentro da ética proposta, é necessário que os sujeitos se eduquem dentro de uma pedagogia problematizadora, na concepção freireana,

onde educação é sinônimo de conscientização, entendida esta como um desvelamento da realidade e a ação sobre a mesma, buscando transformá-la em uma comunidade humana sem opressores e nem oprimidos.

Sonhando o ecomunitarismo

Velasco em sua obra de título *Ucronia*, escrita em forma de relatos, propõe um mergulho em vivências a partir de uma nova ética, desvendando a teoria ecomunitarista na prática diária de pessoas, na vivência de cada um e de todos no social, com base nas premissas de uma nova ordem sócio-ambiental, o ecomunitarismo, onde os seres humanos reconciliam-se entre si, numa atitude permanente de incentivo ao desenvolvimento de cada um, em todos seus aspectos, e com o restante da natureza, mantendo perante esta última, uma atitude permanente de preservação e regeneração. Esta organização social contempla: a inexistência do individual egoísta; a ausência da violência física e psicológica; o respeito às escolhas individuais, tais como a opção sexual, a vivência familiar, a maternidade e a paternidade, bem como a atividade a qual deseja se dedicar mais; o prevalecimento das decisões coletivas, buscando sempre o consenso; o respeito ao corpo humano, na sua fragilidade e necessidades; o lazer, perfeitamente inserido na rotina dos indivíduos; a relação com a música; o não-trabalho, a abundância e a qualidade da alimentação; o uso responsável e harmonioso dos recursos naturais; a inexistência do capital; a vivência de acordo com as três normas da ética são algumas das premissas destacadas na referida obra. A proposta desta nova organização social, o ecomunitarismo, tem em seu caráter utópico o desejo de substituir o capitalismo, ordem social adotada na maior parte do mundo.

Vivendo o ecomunitarismo

Tomó una de las bicicletas comunitarias que aguardaban en el puesto próximo y pedaleó algunas centenas de metros hasta llegar a su local de actividad durante aquel semestre. (Nótese que no decimos “local de trabajo”, porque, como todos saben, el “trabajo” era aquella penosa labor de la prehistoria de la humanidad en la que las personas eran obligadas, para sobrevivir, a obedecer órdenes, desgastando su cuerpo y su mente en tareas que odiaban, y todo ello para beneficiar a una minoría de villos que poseían en régimen de monopolio los medios de producción). (VELASCO, 2009, P.16)

O modo de vida numa sociedade ecomunitarista demonstra um profundo conhecimento da natureza humana e não-humana. Isto inclui o uso responsável dos recursos naturais, a prévia preparação de um espaço para receber os atingidos pelos fenômenos naturais, o atendimento multidisciplinar para trabalhar comportamentos

humanos inadequados, que possam ser evidenciados e a responsabilidade dos habitantes que direcionam suas atitudes sempre no intuito de preservar e regenerar tanto a natureza humana quanto a não-humana.

Em tal sociedade não existe o trabalho como o que se conhece no capitalismo onde, como menciona Huberman, 1985, os capitalistas detêm os meios de produção e compram a força de trabalho. Pode-se acompanhar pela história da humanidade que este trabalho sempre foi exercido em jornada diária longa e exaustiva, onde em nome do trabalho, é preciso abdicar de momentos de lazer, de estudo, de convivência saudável, interativa e cooperativa com a comunidade, pois a maior parte de seu tempo precisa ser dedicado a produção de bens ou de serviços, que por seu caráter exploratório, visando o lucro, é responsável tanto pelo desgaste físico e mental do indivíduo, quanto pela destruição dos recursos naturais.

No ecomunitarismo, cada um escolhe a profissão com a qual irá contribuir com a comunidade, dedicando-se a ela por quatro horas diárias. A vivência do não-trabalho garante uma vida rica e livre. Espaços e tempo de lazer são disponibilizados a todos, inclusive viagens, defendendo que é importante a cada tempo, conhecer um novo lugar, no qual nunca tenha estado. A cultura está disponível a todos, sem custo. Assim, garante o desenvolvimento pleno do indivíduo, pois as atividades contemplam as necessidades da parte física e mental do corpo, confirmando a unidade do mesmo, além de possibilitar a vivência das aptidões deste indivíduo, permitindo o desenvolvimento do mesmo em sua diversidade e complexidade.

A inexistência do capital, pois as atividades não visam o lucro, é outro destaque no ecomunitarismo, possibilitando aos indivíduos de uma sociedade a verdadeira igualdade, já que todos têm o mesmo tipo de educação, de alimentação e de moradia, independente da profissão a qual escolheu se dedicar, o que não é possível no atual regime que vivenciamos, onde as profissões são diferentemente valorizadas e remuneradas, dando aos profissionais, melhores ou miseráveis condições de vida, dependendo de suas oportunidades e escolhas.

Na sociedade ecomunitarista há respeito e compromisso de todos, tanto com o meio natural quanto com os indivíduos que fazem parte da comunidade. É evidente a solidariedade e a busca do consenso no tratamento de todas as questões pertinentes àquela sociedade. Todos são, de uma forma ou de outra, responsáveis por tudo e por todos.

A educação vivenciada no ecomunitarismo, é primeiramente a educação do indivíduo como ser social, onde uma ação não condizente com as normas da ética não é condenada, nem há a exclusão do indivíduo que a tomou e sim uma união de profissionais para o atendimento daquele, no intuito de trabalhar no mesmo, as razões que o levaram àquela atitude, sendo isto definido por uma comissão de ação social, formada por membros da comunidade e que, como em qualquer atividade, preconiza a rotatividade em seus integrantes. Aqui, mais uma vez, se vê a decisão coletiva atuando, não no sentido de punir ou excluir, mas sim de regenerar e integrar.

A educação escolar ou formal na sociedade ecomunitarista se dá em consonância com as pedagogias problematizadoras, de Paulo Freire e de Saviani. É fundamentada na ética argumentativa e orientada a esta nova ordem sócio-ambiental, o ecomunitarismo. A educação é vivenciada como práxis, ação e reflexão sobre a realidade, em busca da conscientização, onde “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”. (FREIRE, 1980, P. 26)

Buscando um exemplo disto, em um dos relatos da obra *Ucronia*, é proposto aos alunos, pelos professores, um diálogo sobre o amor. Uma gama de conhecimentos é trazida para a discussão, pelos alunos e, neste contexto, o amor não é visto nem pensado como um conteúdo, mas para dele tratar. Muito do que foi pensado pela humanidade é trazido para que sejam ampliados coletivamente os saberes a respeito daquele referente. O intuito, ao discutirem o tema, é a vivência do amor nas relações sociais, visando questionar os conhecimentos que se tem para conhecer ainda mais e melhor o assunto, podendo assim, conseqüentemente, melhorar a vivência deste na sociedade, em conformidade com a ética proposta.

A qualidade das instalações nos espaços de educação formal está na existência de diversos ambientes educativos, que respeitam corpo e mente dos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, que instaura a liberdade de expressão, de escolhas e disponibiliza o conhecimento a todos, de diferentes formas, com vários recursos, para que cada um escolha aquilo que lhe parecer mais adequado no momento. Trazendo este conhecimento, relativo tanto a pedagogia escolhida, a problematizadora, quanto às instalações dos espaços educativos, para a nossa realidade, é possível perceber que embora

sejamos conhecedores da importância de ambos, ainda assim não os temos eleitos e efetivos, em nossas escolas.

Vivendo, produzindo, distribuindo e consumindo

Roberto levanto La cabeza del surco y vio la pequeña selva de plantas de tomates que se extendían por una hectárea. Y más Allá las lechugas, los morrones, los rabanitos, el maíz, y tantas otras cosas; y entre unos y otros diversas plantas silvestres y árboles frutales que daban de comer a los insectos y pájaros variados Del lugar. Los límites de una hectárea a la otra eran detectables por las piscinas donde se criaban peces; cada una tenía encima el pequeño recipiente con feromonas que atraía a los machos de los insectos indeseables con la fuerza de un imán; allí quedaban presos, para caer luego en las aguas tranquilas, y servir como uno de los alimentos de los peces. Juan verificó que los periódicos puestos bajo tierra ya estaban casi desintegrados, y aunque su tinta no contenía plomo ni otro material fuertemente contaminante, decidió que en aquella parcela había que prescindir de ellos en el próximo plantío. (VELASCO, 2009, P.23)

Na sociedade que se tem, em nome da satisfação das necessidades reais e também daquelas criadas pelo incentivo ao consumo, os recursos naturais têm sido largamente sacrificados. A sociedade ecomunitarista, através terceira norma da ética, indica uma relação com a natureza que não evidencia o caráter exploratório da mesma e sim uma atitude de preservação-regeneração da natureza. Embora ainda contemple um caráter utilitarista da natureza, como o próprio autor da teoria coloca, o uso dos recursos naturais parece ocorrer de uma forma mais harmônica, em consonância com aquilo que a própria natureza disponibiliza, como no caso da energia eólica e solar, por exemplo.

É inevitável que, durante a leitura da obra Ucronía, por vezes, o leitor se imagine vivendo naquela sociedade e também que, automaticamente, trace um paralelo entre aquela sociedade, a vida na mesma e a atual, com a vida que se consegue ter.

Outro tema questionado pelo ecomunitarismo é a qualidade do tempo vivido. “Pareces uno de esos hombres prehistóricos del capitalismo. Sabes que siempre tenemos tiempo, pues laboramos para vivir, y hace tiempo que nadie vive para trabajar.”. (VELASCO, 2009, p. 25). Esta fala, de uma das personagens da obra, faz com que se possa refletir a respeito da jornada de trabalho de oito horas diárias estipulada para os trabalhadores da sociedade capitalista, ciente de que mesmo esta considerada ideal pela sociedade, ainda não é garantida a todos os trabalhadores, já que muitos possuem jornadas ainda maiores. Vive-se para o trabalho, não se dá devida atenção aos familiares, à comunidade e ao lazer. Vive-se com muita pressa. Pressa para acordar, para chegar ao

trabalho, para produzir e para retornar para casa, provavelmente exaustos pelo dia de trabalho. O que resta deste dia? Para alguns o descanso e para outros a segunda jornada, a dos afazeres domésticos. Com um dia como este, quem terá disponibilidade para uma conversa com familiares? Ou para participar de uma comissão na comunidade ou de uma reunião de condomínio? O efeito disto é o desgaste das relações sociais, pela falta de diálogo, que inviabiliza a busca de um consenso, relativo a questões e dificuldades que surgem no viver social.

A escola ecomunitarista

As diretrizes pedagógicas que fundamentam uma escola ecomunitarista, como já foi mencionado, estão diretamente relacionadas às pedagogias problematizadoras, tanto a de Saviani, a chamada pedagogia sócio-crítica dos conteúdos, quanto a de Paulo Freire. Os alunos de uma escola que segue as premissas do ecomunitarismo são conhecedores da proposta educacional da escola, ou seja, de suas diretrizes, possibilitando que reflitam e discutam sobre as mesmas. Entre estas diretrizes estão: conteúdos vinculados a realidade sócio-ambiental, para que estes possam servir de instrumento para a compreensão profunda e reflexiva desta, tornando possível uma intervenção crítica-transformadora na mesma; espaços destinados a discussão das questões sócio-ambientais, sem dicotomizar a percepção da realidade e os conhecimentos técnico-científicos; Incentivo à pesquisa de campo; Incentivo ao trabalho coletivo, e não a competência individual, na re-construção de conhecimento e posturas; Incentivar as ações de reflexão, de reivindicação e de elaboração de propostas nos alunos, sobre todos os temas de relevância sócio-ambiental, para todos os espaços sociais: escola, bairro, cidade, país e planeta em sua totalidade; Trazer para o espaço escolar as pessoas com experiências de vida relevantes na construção do fazer social, tais como agricultores, pescadores, servidores da saúde, entre outros; Buscar no coletivo, através do consenso, aproveitando e associando os dons individuais, soluções para as questões socioambientais, com base teórica que é adquirida através dos conteúdos/conhecimentos abordados pela escola.

A vivência escolar não está separada da vida atual do aluno. Dentro desta escola, ele já reflete, discute, usa e reformula conhecimentos, simula situações reais e exercita as três normas da ética propostas pelo ecomunitarismo. Se dirigirmos um olhar para o nosso modelo educacional, veremos o quão distante estamos disto. Professores, entre eles equipes pedagógicas e diretivas, de uma forma ou outra são conhecedores das pedagogias de Freire

e Saviani, mas não fazem uso dela; o espaço escolar é, em geral, precário tanto nas dependências físicas quanto nos recursos humanos e tecnológicos; os professores são detentores do saber (conteúdo) e os alunos devem absorver estes saberes, para fazerem uso dos mesmos nas avaliações escolares, nas avaliações padronizadas, que visam índices, e naquelas que se destinam a selecionar candidatos, tais como vestibulares e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Nesta realidade, alguns professores e gestores um pouco mais críticos e engajados, tentam um fazer diferente, mesmo diante das dificuldades e barreiras encontradas, já que muitas escolas atendem à parcelas da população para as quais o conhecimento acadêmico e a permanência na escola não possuem nenhum significado, onde as crianças carecem de alimentação e cuidados de higiene mínimos e adequados, onde a drogadição já chegou às gestantes, além de muitas outras mazelas sociais que se poderia citar aqui. Faz-se importante ressaltar, que a crise educacional não é resultado apenas de professores e gestores insatisfeitos ou pouco eficientes. É comum se escutar discursos políticos de que é preciso investir na educação como se investindo somente nela se fosse ter um resultado que depende também de um investimento no social, que não se tem. O fracasso da educação é resultado de um sistema que não prioriza seus cidadãos, que não prioriza a educação, desde a formação inicial nos cursos de licenciatura, que não a promove como ferramenta de desvelamento individual e social e sim como uma ferramenta para consolidar e reproduzir a desigualdade social, a ideologia dominante.

O espaço escolar pensado pelo ecomunitarismo também contrasta com aquele que se tem na maioria das escolas, colégios e universidades em nosso país.

Ambos se internaron en la frondosa arboleda, salpicada por las huertas escolares que ellos y las docentes y funcionarias de turno atendían, para alimento de la olla de la escuela y como escenario de muchas prácticas de enseñanza-aprendizaje sobre los más diversos tópicos de matemáticas, lengua, geografía, biología, física, química y algunas otras áreas; en el pasto y en los árboles circulaban, despreocupados, animales variados, que la convivencia pacífica a lo largo de siglos había hecho otra vez plenamente confiantes en los seres humanos, que en la prehistoria les habían hecho tanto daño. (VELASCO, 2009, P.34)

Espaços depredados e sem conservação descrevem perfeitamente a grande maioria de escolas no Brasil, principalmente as escolas municipais e estaduais. Estas muitas vezes representam riscos à vida de professores e estudantes no que se refere às estruturas físicas e elétricas, onde também grandes e altos muros estéreis separam quem está dentro e quem está fora daquela, onde os espaços interiores se constituem essencialmente de cimento,

onde as áreas de lazer se concentram em pequenas pracinhas, muitas vezes interdidas por longos períodos pela falta de manutenção. Ao contrário disto, em uma escola ecomunitarista estes locais de aprendizagem formal contemplam outras premissas, bem diferentes daquilo que se conhece como realidade.

O amor libertário

“Nuestro grupo amoroso no ha tendido novedades este semestre; nadie ha querido salir y nadie ha sido invitado a entrar; como ustedes saben, por acaso somos cuatro mujeres y cuatro hombres; tenemos a nuestro cuidado cinco niñas, de los que aquí ven a los mayorcitos, que son Atahualpa y Eric; continuamos viviendo en un edificio de dos plantas en el que las adultas tienen sus habitaciones en el primer piso y las niñas en el segundo; como todas nos amamos, las noches reciben en cada habitación de las adultas a cualquiera de las habitantes Del primer piso; no hemos constatado casos de relación homosexual, pero tampoco nos oponemos a esa vivencia; las niñas están muy contentas de tener cuatro madres y cuatro padres, porque siempre hay un adulto que tiene tiempo de cuidarlas, acompañarlas en lo que necesiten, e orientarlas en lo que haga falta; cada una sabe de qué madre ha nacido, pero no quién es su padre, cosa que sólo el *test* de ADN podría determinar, en caso de necesidad para evitar futuras relaciones consanguíneas que podrían tener efectos nocivos; y les parece muy bien así, porque si cada madre es cariñosa y dedicada con cada una de las cuatro niñas, más aún lo son los padres, ignorantes de la paternidad biológica que a cada uno corresponde”. (VELASCO, 2009, P.37)

A vivência do amor, da sexualidade, da maternidade e da paternidade no ecomunitarismo difere bastante da realidade que se vivencia na sociedade que se tem. Certamente, alguns ao lerem a citação acima, tendo em vista a organização familiar descrita na mesma, talvez se remetam a conceitos de promiscuidade ou outros desta ordem, pois se vive em uma sociedade que ainda prega uma moral preconceituosa, machista e arbitrária. Em sociedade nos educamos para a sociedade. Assim, o que se conhece como correto vai sendo reproduzido, nos espaços de educação formal, informal e não-formal, consciente e inconscientemente. A questão está em quanto e como os sujeitos refletem a respeito destes conhecimentos dados como corretos, no intuito de consciente e coletivamente decidirem o que deve ser preservados e o que deve ser revisto.

Na sociedade ecomunitarista todos se educam para aquele social, desde crianças, na escola inclusive, com o objetivo de não existir o preconceito, que em nossa sociedade, é amplamente difundido na maioria das instituições (na escola inclusive). A escolha do (s) parceiro (s) ou da (s) parceira (s), independe do sexo e da quantidade, se dá de uma maneira muito madura e responsável, natural e livre do ônus social que se enfrenta hoje,

onde uma escolha diferente daquela determinada como correta acarreta diversas consequências, muitas vezes reações violentas que atentam contra a vida dos indivíduos. Vive-se numa sociedade onde o preconceito é grande, por vezes declarado, outras mascarado, e quem opta por uma escolha sexual diferente daquela aceita como “normal”, encontra diversas barreiras, algumas já dentro da primeira instituição social da qual faz parte, a família. Estas barreiras se estendem à escola, à profissão, chegando até as mais variadas situações, onde podem ser agredidos e insultados pelos denominados homofóbicos, por exemplo.

Trazer um novo ser ao mundo numa experiência ecomunitarista é uma atitude avaliada e decidida pelos envolvidos, em consenso, evidenciando a presença das duas primeiras normas da ética. É um assunto tratado com maturidade, buscando inclusive a opinião daqueles que fazem parte da comunidade onde os futuros pais estão inseridos. Esta vivência da maternidade e da paternidade também contrasta com a realidade atual da sociedade que se tem. Vive-se um tempo onde, em muitos casos, não há um planejamento familiar, onde não há compromisso e respeito, nem do casal entre si, nem deste com o novo ser que nascerá, onde a maternidade, a paternidade ou ambos é muitas vezes negada ao novo ser. A terceirização na educação dos filhos é cada vez mais defendida, independentemente da classe social, havendo também aquelas crianças privadas de condições mínimas, muitas vezes em condições desumanas de sobrevivência, tanto físicas quanto psicológicas.

A vivência da maternidade e da paternidade na sociedade ecomunitarista se dá de uma maneira ética, de uma ética comprometida com seus sujeitos. Nenhuma mulher engravida sem a certeza de que esta também é a vontade de seu (s) parceiro (s). Atualmente, sobram casos de casamentos que se concretizam em função de uma gravidez não planejada ou de casais que se separam em função desta. Pais e mães que se abstém de exercerem a maternidade e a paternidade, delegando a outro (s) o cuidado e a educação daqueles que geraram. Este abandono acaba muitas vezes por ser o responsável pela conduta doente daquele ser que, rejeitado por quem deveria ser amado e cuidado, acaba rejeitando a si próprio e tendo dificuldades nas suas relações sociais.

É interessante pensar que, numa sociedade onde o consenso supera o individualismo, as pessoas vivenciem uma liberdade bem maior do que aquela que se tem atualmente, onde o individualismo é defendido, como sinônimo de autonomia e até de liberdade. Falsa liberdade.

A comunicação simétrica

Aquél semestre Carolina decidió prestar sus servicios en la TV; como todas las de su género era comunitaria y podía ser sintonizada en cualquier parte del planeta; no obstante hacía un siglo que tras una larga discusión y plebiscito planetario a través de Internet, las comunidades decidieron que habría un horario de ciento veinte minutos diarios en la que todas las TV estarían interligadas para transmitir el mismo programa que informaba lo acontecido en el planeta en el tiempo transcurrido durante su última vuelta; claro, que para evitar predominios indeseables, ese programa quedaba a cargo, de forma rotativa, de emisoras distribuidas en todas las zonas de la Tierra (y aún de aquéllas fuera de ella donde había conciudadanas); aquella semana la TV adonde se dirigía Carolina hacía parte Del equipo de su región que preparaba el informativo mundial diario. (VELASCO, 2009, P.41)

A relação das emissoras, que são todas comunitárias, numa sociedade ecomunitarista é de união, contrapondo-se ao que se vive, onde a relação entre as emissoras denota um alto grau de rivalidade, com uma gama de programas alienantes, tais como novelas, fofocas, noticiários direcionados e programas de auditórios sensacionalistas, somada à falta de criticidade. Esta programação, disfarçada de entretenimento é, na maioria das vezes, uma maneira de difundir e consagrar determinadas concepções de mundo, aquelas que contribuem para reproduzir e consolidar a ideologia dominante. À grande maioria das pessoas resta, por alienação e falta de criticidade, absorver estas concepções e, conseqüentemente, reproduzi-las.

Interessante notar que no ecomunitarismo as crianças, a partir dos sete anos, também participem da decisão coletiva acerca da programação das emissoras, bem como de outras decisões que exigem a busca coletiva por um consenso, salvo em alguns temas onde a idade apropriada é de doze anos. Importante colocar aqui que esta idade última não é eleita aleatoriamente e sim a partir das concepções trazidas por Jean Piaget, que tornou conhecido o desenvolvimento do julgamento moral na criança, teoria esta que afirma ser por volta desta idade, doze anos, momento em que a criança abandona o realismo moral, a moral heterônima, que se constituiu nele a partir da coação adulta, ou seja, a partir da tutela do adulto sobre a criança onde, “a regra não é absolutamente uma realidade elaborada pela consciência, nem mesmo julgada ou interpretada pela consciência: é dada tal e qual, já pronta, exteriormente à consciência; além disso, é concebida como revelada pelo adulto e imposta por ele.” (PIAGET, 1994, p. 93), passando a agir de acordo com a moral da cooperação, ao se tornar capaz de julgar não somente o ato em si, mas também a intenção, implícita ou explícita, que gerou o ato, por conseguir colocar-se no lugar do outro e avaliar os fatores envolvidos

no ato, a partir de um julgamento livre, ou quase livre de coação. É fato que, como o próprio Piaget notou, a existência ou a passagem de uma moral à outra dependem da relação estabelecida entre o adulto e a criança socialmente, assim como a possibilidade de esta última nunca se desenvolver, estando o indivíduo, mesmo adulto, sujeito a responder com base no realismo moral.

As crianças desta idade, sete anos (ou mesmo as maiores), não são incentivadas, na sociedade que se tem, a integrarem comissões que viabilizem a discussão de problemas sociais reais, nem a buscar o consenso, nos mesmos. Observando-se a seguinte passagem: “esta vez la discusión fue ardua y compleja. Los argumentos se sucedían, ora destacando los méritos humanos de la noticia, ora su contribución a la crítica y autocrítica indispensables para la renovación-conservación del ecomunitarismo, ora el carácter inusitado de un hecho” (VELASCO, 2009, P.43) pode-se pensar o quanto seria importante o exercício do argumento estar presente também nas escolas e outras instituições de ensino formal, já que estes são locais onde o convívio social é amplamente vivenciado e os interesses em comum dividem opiniões. Certamente, as crianças desde muito pequenas apreciam e conseguem pensar, discutir e buscar soluções para as diferenças de opinião e de atitudes nas vivências sociais, na elaboração das regras de convívio, avaliando também as regras que são impostas pela instituição (horários, filas, uso de uniforme, disposição das classes, avaliações...). Isto poderia colaborar para ambientes e relações mais saudáveis, apropriados ao desenvolvimento da cidadania e da ética.

A presença obrigatória do argumento no momento da seleção dos programas, como evidencia a citação acima, pelos participantes é um exercício de cidadania e de desenvolvimento da moral da cooperação, pois instiga cada um a pensar por conta própria, elaborar e expor seu pensamento. Tendo em vista que o indivíduo, nesta sociedade proposta, tem a oportunidade de exercer sua cidadania desde os anos iniciais, tanto na família quanto fora dela, esta se torna algo inerente àquele ser, não é um papel que ele deva exercer esporadicamente. Muito distante ainda se está de um processo de cidadania, embora esta palavra tenha estado em voga ultimamente e as pessoas participem de situações que se assemelhem a tal, mas não com a mesma lucidez em que está se dando numa sociedade ecomunitarista. Para poder argumentar, é necessário conhecer sobre o assunto e este conhecer precisa ir além da superficialidade, do senso comum. Na sociedade em que se vive pode-se evidenciar alguns momentos onde as decisões coletivas se fazem presentes, porém poucos são os indivíduos que, ao darem o seu voto, para o que quer que

seja, possuem argumentos fundamentados. Em geral, cada um está manifestando apenas um interesse particular, que não prioriza a comunidade, ou o consenso coletivo. Como se sabe, há inclusive, a venda de votos, em troca muitas vezes de um emprego ou da satisfação de uma necessidade básica, de um direito que embora garantido pela lei maior, não é executado na realidade, tendo também quem o faz por uma questão de obrigatoriedade.

A política de todos

“Cada uno ha recibido a través de la lista de discusión los principales argumentos pro y contra emanados de la asamblea anterior. Pero no está demás repetir una vez más lo que habremos de decidir a escala planetaria (y con los votos de las conciudadanas que están viviendo definitiva o provisoriamente en otros astros), y cuáles son los principales argumentos a favor del ‘sí’ y del ‘no’. La pregunta es la siguiente: ‘¿Cree usted que las actuales cuatro horas diarias que cada uno tiene que dedicar por día a la actividad productiva regulada comunitariamente, hay que pasar a tres?’; en resumen, debemos decir si creemos que debemos producir una hora menos por día. Los principales argumentos a favor del ‘no’ son los siguientes: a) según los cálculos realizados, esa reducción de una hora, en las actuales circunstancias llevaría a no poder garantizar la renovación bianual de los robots caseros, ni la visita bianual a un Museo y una región distantes, ni la atención en tres horarios de funcionamiento diarios en los Centros multiusos suficientes para satisfacer a todos los interesados; b) también se argumenta que esa disminución puede ser perjudicial a la formación del carácter de los jóvenes, que creerán que todo se recibe sin esfuerzo. A eso responden los partidarios del ‘sí’: a) que podemos vivir perfectamente con robots que se cambien cada cuatro años, que si hiciera falta el derecho de visitar un Museo y una región distante podría alargarse a un lapso de tres años, y que si los Centros no dan cabida a todos, habrá que turnarse, y nadie se morirá por no poder usar el Centro las 24 horas del día; y en relación a ‘b’, que argumentos parecidos se usaban en la prehistoria, cuando nuestros antepasados fueron obligados a trabajar hasta 16 horas diarias y tuvieron que batallar siglos para ir reduciendo poco a poco la jornada laboral, y, en segundo, lugar, que lo que forma el carácter de las jóvenes es la buena educación casera y comunitaria, y no una hora más o menos de actividad diaria. Acto seguido abriremos espacio para que hablan en números iguales, y de manera alternada, partidarios del ‘sí’ y del ‘no’. . (VELASCO, 2009, P.45)

A busca de jornada de trabalho mais justa para o trabalhador assalariado não é uma novidade para a sociedade na qual se vive. Foram anos de luta daqueles que se propuseram a defender os direitos destes trabalhadores. No entanto, esta luta não garantiu e não garante até hoje uma condição de vida que cuide do tempo de lazer. Isto talvez se dê porque o foco está em garantir apenas que o trabalhador fique menos tempo exposto a condições desumanas de trabalho e de exploração, ou seja, preocupa-se com o tempo de trabalho,

com a vida no trabalho, mas não com o sujeito integral, que tem uma vida também fora do trabalho. Esta, como muitas outras, não foi uma luta onde todos tivessem voz, onde se tivesse discutido tudo que envolve o viver, dentro e fora do trabalho, com criticidade.

Diferentemente disto, na sociedade ecomunitarista, os indivíduos estão engajados em questões sociais e suas vozes são ativas desde muito cedo, notando novamente, a questão do argumento, que se realiza em defesa de um posicionamento, devidamente embasado no conhecimento. A decisão de manter as quatro horas diárias ou reduzir para três o número de horas dedicadas à atividade produtiva cabe a todos os cidadãos contando também com a participação dos jovens, a partir dos doze anos de idade. Os argumentos pelo sim, identificados na citação acima, são muito interessantes e levam a concluir que, naquela sociedade o ser humano se alimenta, física e psicologicamente, daquilo que é saudável (conhecido como lazer em nossa sociedade) vivenciando suas características humanas ampla e plenamente. Para a maioria dos indivíduos daquela sociedade, importa mais a vivência fora do trabalho produtivo e aqui, seria importante mais uma vez, traçar um paralelo entre tal sociedade e a que se tem, onde além de o tempo destinado as atividades de lazer ser bastante escasso, estas exigem, em sua maioria, a presença de dinheiro, já que praticamente todos os programas culturais, por exemplo, são pagos. Analisando isto, pode-se pensar que, mesmo aqueles que puderam escolher suas profissões e desempenham com amor suas funções, são privados de vivenciar plenamente sua condição humana.

O trabalho produtivo, então, para aquela sociedade, necessita existir num esforço comum para atender as necessidades de sobrevivência da comunidade e para que este se realize, é possível usar robôs para aquelas atividades que exigem condições as quais o corpo humano não deve se expor e isto chama atenção, contrastando com a sociedade, onde a exploração do humano é amplamente difundida, tanto física quanto psicologicamente. A atividade produtiva, na sociedade em que se vive, designada como trabalho, pode melhor ser definida como exploração, tanto da natureza humana, quanto da não-humana, onde em muitos casos, quem produz não tem direito ao resultado da produção e, embora com o passar dos séculos se tenha conseguido diminuir o número de horas em que o indivíduo deva estar produzindo, ainda se vive numa condição de exploração deste humano, em trabalhos que muitas vezes o levam a destruir sua saúde, o que para os ecomunitaristas é tomado como “las exageraciones criminales de la prehistoria capitalista” (p.47). Salientar este ponto é importante porque, de certa forma, os indivíduos acabam por

se habituarem a este trabalho e às condições para desempenhá-lo, cometendo a cada dia, no cumprimento de suas funções, diversas violações contra si próprio e contra a natureza não-humana. Mais interessante ainda é perceber que as ações são automáticas (quase como robôs) e que, salvo alguns mais engajados, o número de horas não teria sido modificado na história do trabalho e nem teria chances de ser revisto no presente. No ecomunitarismo a política é de todos e não apenas daqueles mais engajados ou interessados nas questões sociais, ou de políticos que se candidatam a representantes do povo. Se todos fazem parte de uma sociedade, por que apenas alguns possuem poder de decisão ou se fazem presentes em lutas sociais e políticas, determinando o que afetará a todos?

A alienação em que se é constituído enquanto cidadãos, seja na família, na escola ou na comunidade, possibilita a manutenção do nosso quadro social, que é de alienação, de falta de conscientização, ou seja, não nos educamos em vivências cidadãs em nenhuma das instâncias de nossa vida. Em relação a isto, é interessante a fala de um dos defensores da jornada de três horas, na citação acima, argumentando contrariamente a outro que defendia as quatro horas de atividade produtiva para a formação do caráter dos jovens. Este primeiro dizia: “lo que forma el carácter de las jóvenes es la buena educación casera y comunitaria, y no una hora más o menos de actividad diaria”. (VELASCO, 2009, p. 46). Aqui fica evidente que a educação, seja ela familiar ou no espaço social maior, a comunidade, é a formadora do cidadão. É claro que qualquer um diria que isto é o correto, mas o que se presencia muito frequentemente, independentemente da classe social. Já há algum tempo a escola tem sido a única responsável pela educação das crianças e dos jovens, que nela ingressam desconhecendo de noções básicas de convívio humano e social saudáveis. No entanto, mesmo delegando à escola esta tarefa, tanto os familiares quanto as crianças não reconhecem a comunidade escolar como capacitada para tal e, tendo em vista a constante desvalorização da mesma e dos profissionais da educação, realmente, no contexto atual, ela não o é. Não há na escola um processo educativo e sim um processo educativo formal, embasado em conteúdos, onde todas as dificuldades e diferenças serão rejeitadas de uma maneira disfarçada por belos discursos governamentais, mas ainda assim efetiva. Desta forma, sem educação para a cidadania, ou seja, sem diálogo e reflexão, o desvelamento da realidade e a atuação cidadã não existem, contribuindo para que os indivíduos não passem de marionetes, nas mãos daqueles que desejam manipulá-los, sejam eles seus familiares, as instituições, os capitalistas ou os políticos.

Mais além da Terra

“Les recordamos que lo que ahora ven ocurrió hace cientos años, y que miles de años antes de que eso ocurriera, todas las conciudadanas de la Tierra fueron evacuadas, y hoy sus descendientes viven, como nosotras, en otros astros de dentro y fuera de la Vía Láctea, a distancia prudente del Sol. Y no se olviden que, estemos donde estemos, heredamos de la Tierra el ecomunitarismo como forma de vivir y morir; ese ha sido su mejor legado”. (VELASCO, 2009, P.49)

A citação acima indica que o ecomunitarismo não prevê uma possibilidade de vida para o planeta Terra, num tempo futuro. Este Planeta seria exterminado, “engolido” pelo Sol, assim como outros que ocupam um lugar próximo a ele no Sistema Solar, tendo seus habitantes, no entanto, sido salvos bem antes disto acontecer, a tempo de o ecomunitarismo ter sido difundido entre os habitantes do planeta Terra e adotado como a ordem sócio-ambiental que possibilitou uma reconciliação entre a natureza humana e a natureza não-humana, a partir do desenvolvimento multifacetado de cada sujeito. O novo planeta, ecomunitarista em sua organização sócio-ambiental, através de seus habitantes, demonstra gratidão e reconhecimento ao ecomunitarismo, tomando-o como o melhor legado deixado pelos habitantes do planeta Terra. Este fechamento dá a noção de que a mudança rumo a uma nova ordem sócio-ambiental, que garantirá uma vida plena aos humanos, começa aqui, na Terra.

Considerações finais

É provável que, quem chegou até aqui nesta leitura, independente de suas ocupações no sistema que se vivencia, sentiu vontade de viver num mundo onde o ecomunitarismo fosse a ordem capaz de reger todas as relações do humano e as relações deste com a natureza não-humana, de viver numa sociedade onde a competição, a violência e a fome foram extintas, onde os direitos humanos e a igualdade entre os seres é garantida de fato, já que todos estão expostos a qualificadas condições de igualdade, ou seja, ao mesmo tipo de educação, de alimentação, de moradia e de lazer, onde as decisões sociais cabem a todos os participantes das comunidades e a educação auxilia no conhecimento e no desvelamento acerca deste social, pelos educandos, sejam eles crianças, jovens ou adultos, dando iguais condições de conscientização e de criticidade, para que possam participar das tomadas de decisões que envolvem toda a comunidade.

A transformação da sociedade que se tem, rumo a uma sociedade mais justa e humana, em todos os aspectos provavelmente só se dê através da educação, mas haverá antes que se mudar a educação que se tem, pois da maneira como tem sido conduzida, não é terreno fértil em que a conscientização possa acontecer. Ao contrário disto, e não por acaso, a educação formal serve ao sistema vigente e o reproduz. Nela atuam um grande número de profissionais que, em função da educação que lhes profissionalizou e das demais práticas escravizantes do capitalismo, se constituíram alienados e alienantes, sem conhecimento suficiente de tal engrenagem, o que não lhes confere condições de contribuir para o desvelamento da mesma, engrenagem esta que, há algum tempo, vem atribuindo à escola cada vez mais funções e destinando a ela cada vez menos recursos, humanos e materiais, inviabilizando um trabalho de qualidade. Porém, há que se ter esperança na possibilidade de educar-se e educar em conjunto, para uma vivência mais lúcida e mais humana no planeta Terra.

A possibilidade, mesmo que utópica, de uma sociedade ecomunitarista é, no mínimo, um bálsamo. Confortante e essencialmente importante poder pensar uma sociedade como esta e, acima de tudo, poder tomar atitudes que mesmo parecendo insignificantes, aos olhos da sociedade atual, podem constituir os primeiros passos rumo quem sabe à concretização de uma nova ordem sócio-ambiental, mesmo que, num futuro bem distante.

Referências

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Moraes, 1980.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias.** São Paulo: Papirus, 1990.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem.** Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança.** São Paulo: Summus, 1994.

VELASCO, Sirio Lopes. **Introdução à educação ambiental ecomunitarista.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2008.

VELASCO, Sirio Lopes. **Ucronía.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2009.